

Procura-se um amigo para o fim do mundo

escrito por cafecomdeus | 11 de agosto de 2023

CENA 1:

Era dia dos pais e a típica homenagem estava sendo realizada. Cada filho dando de presente para seu pai uma almofada estampada ou com as marcas das mãozinhas, se não-alfabetizado, ou com uma frase de carinho, se já alfabetizado. Apesar de aquele ser um garoto muito dócil e educado, era visível a inquietação daquele menino sem pai. Ao contrário dos demais, ele não tinha a quem presentear sua almofada. Ficou exitoso entre entregar para a mãe ou a avó... Sob o pretexto da dúvida, num processo de catarse emocional, atirou-a vigorosamente, como um projétil, em direção a elas. Qualquer pessoa menos atenta podia perceber a raiva que invadia seu coração... Ele não podia entregar seu presente para seu pai, um amigo para o fim do mundo.

CENA 2:

Dentro da discoteca de CDs importados e raridades a conversa despreziosa com a atendente deságua, sem qualquer razão aparente, no tema: perdas nos relacionamentos familiares. A moça abre o coração ao cliente novato e confessa, em dez minutos, que a ausência da figura paterna em sua formação significou uma marca emocional que dificulta seu relacionamento com a vida e consigo mesma. Diz crer que as mulheres que tiveram uma presença masculina no transcorrer da vida, são mais seguras.

CENA 3:

As histórias dos protagonistas, interpretados por Steve Carell e Keira Knightley se cruzam quando faltam poucos dias para um meteoro chocar-se com a terra e o mundo acabar. Várias pessoas aproveitam seus últimos dias de vida para fazerem todos os tipos de transgressões que jamais fizeram. Contudo, estes dois

personagens buscam o sentido final de suas vidas tentando resgatar seus relacionamentos familiares deixados para trás. A vida passa a fazer sentido se os desencontros converterem-se em rendição afetiva. Steve Carell perdoa seu pai, recuperando seu sorriso e, já com o coração limpo da mágoa, encontra um novo amor para passar o fim do mundo em paz.

CENA 4:

Para fugir dos traumas do passado, o caminhoneiro João resolve deixar sua cidade natal para trás e cruzar o país. Ele dirige Brasil afora, sempre solitário, até que numa de suas viagens descobre que o menino Duda se escondeu em seu caminhão. Duda é órfão de mãe e está à procura do pai, que fugiu para São Paulo antes mesmo dele nascer. A contragosto, João aceita levá-lo até a cidade mais próxima. Entretanto, durante a viagem nascem elos entre os dois, que faz com que João tenha coragem para enfrentar seu passado. A paternidade perdida e a resgatada e suas duras conseqüências são o foco do filme “À Beira do Caminho”, de Breno Silveira. Trilha sonora toda de Roberto Carlos.

Além destas quatro cenas, uma quinta, que não será relatada, povoaram meus últimos sete dias.

Uma série de doenças de alma, traumas, angústias, inseguranças, raivas e relacionamentos mal resolvidos com Deus são conseqüências de ausências ou relações mal resolvidas com progenitores, especialmente com a figura paterna. Quanto lixo emocional é depositado na alma da pessoa que experimentou a ausência paterna. Por vezes o mal cheiro desta latrina passional contamina os relacionamentos futuros, impedindo que a vida da pessoa exale o cheiro das flores.

Traumas advindos de separações mal feitas ou matrimônios preservados à base de formol (com aparência externa, mas sem vida interna, expostos em prateleiras sociais dentro de vidros

estéreis).

Nosso desafio, como indivíduos, é não repetir a estória de terror em nossa família. Não reviver na vida dos nossos filhos o enredo da desgraça emocional fruto de nossos relacionamentos conjugais conturbados ou inexistentes.

Vidas saudáveis são construídas com relacionamentos e famílias saudáveis. Nossa escolha tem de ser pelo amor à próxima geração, nossos filhos, não entregando ao mundo novos órfãos emocionais, que, doentes da alma, serão infelizes, cheios de culpa e julgadores da sociedade e de Deus pela equivocada escolha de seu pai ou mãe.

O maior legado que alguém pode deixar para a sociedade ou para seus filhos é esforçar-se ardentemente por preservar um relacionamento conjugal equilibrado, que refletirá diretamente na saúde psicoemocional da prole.

O melhor amigo para o fim do mundo é o pai.

Da trilha sonora do filme "Procura-se um amigo para o fim do mundo"